

PM de Brasília se diz preparada

Comandante do Bope garante que tragédia do Rio não aconteceria no Distrito Federal

TIAGO FARIA

Poucos deixaram de ver as cenas violentas pela TV. O desfecho do seqüestro de oito passageiros de um ônibus da linha 174 (Central-Gávea), no Jardim Botânico, Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, na segunda-feira, resultou na morte da refém Geisa Firmo Gonçalves e do seqüestrador Sandro do Nascimento. A ação revelou uma sucessão de falhas da Polícia Militar do Rio, criticada por ter disparado contra a refém e não ter prolongado as negociações com o bandido. Para os brasileiros que se comoveram com o fato, fica a dúvida: a

Polícia Militar da cidade tem condições de resolver com eficiência uma situação de alto risco como aquela?

Nos quatro primeiros meses de 2000, segundo dados da Secretaria de Segurança, foram registrados em Brasília nove seqüestros-relâmpago. Um número inferior ao do mesmo período de 1999 (dez casos). Nenhum seqüestro praticado até hoje no DF ficou sem solução. Para o tenente-coronel Gleno, comandante do Batalhão de Operações Especiais (Bope), os policiais militares treinados no Distrito Federal estão aptos para enfrentar casos tão delicados quanto o ocorrido no

Rio de Janeiro. No Bope, há 26 soldados treinados para enfrentar as chamadas "operações de crise com reféns". A ordem é a negociação. "Nós temos um lema: quando as negociações terminam, o próximo passo é negociar", diz Gleno.

De acordo com o tenente-coronel, os soldados estão preparados para neutralizar o bandido, com tiros ou luta corporal. Mas eles devem sempre tentar poupar as vidas dos reféns e dos algozes. A preparação é intensiva. Além de passar pela Academia da Polícia Militar, com 1.350 horas de cursos de, entre outras disciplinas, direitos

humanos, filosofia, sociologia e direitos ambientais, muitos passam por especialização com profissionais da Scotland Yard e do FBI. O coronel Moura, diretor de ensino da PM, explica que os soldados selecionados para integrar o Bope devem ter um biotipo específico, o que é definido por meio de testes de resistência.

Quando o Bope chega à cena do crime, o primeiro passo é isolar a área. Depois, um grupo especial auxiliado por psicólogos inicia as negociações. Caso haja uma reação violenta do bandido, um grupo tático é acionado. "Os soldados passam por testes psi-

cológicos", conta Gleno. "Nessas horas, o nervosismo só atrapalha".

Apesar de não faltar profissionais qualificados, o Bope ainda tem carência de equipamentos. "Não temos, por exemplo, luneta para visão noturna e um computador que identifique se o assaltante está usando bomba em seu corpo", identifica Gleno. O tenente-coronel aponta as falhas da operação do Rio de Janeiro como característica da polícia deficiente do Estado. "Apesar da falta de recursos, temos condições para impedir que crimes como esse tenham o desfecho que todos nós vimos", afirma.